

## APRESENTAÇÃO

**E**m Análise do Discurso, muito já se falou sobre a produção dos discursos, a forma como o sentido é condicionado pelas instituições histórico-sociais e ideológicas de onde provém. Torna-se cada vez mais importante estudar a circulação desses discursos, a maneira como são incorporados pelos sujeitos enunciadore e coenunciadore, como se propagam, como se transformam.

O interesse em pensar sobre os modos de circulação dos discursos reside nas possibilidades analíticas que se abrem ao considerarmos a produção dos sentidos como fundamentalmente interdiscursiva e o interdiscurso como anterior e ulterior aos discursos, que se textualizam sempre “encarnando” meios e materiais que não são neutros nem anódinos, são concretude dos dizeres, que se impõe às interpretações.

Se consideramos que os sentidos das palavras não são definíveis *a priori*, mas construídos por aproximações a outros termos, conforme as condições de produção do que se enuncia, entendemos que o que um texto “quer dizer” não é nunca algo retomável gratuitamente, como uma unidade de significação fixa, reproduzível com perfeita exatidão. Mas também não é uma variação espraiada ao indizível, posto que todo texto está balizado pelas memórias que evoca ao se pôr numa dada forma de aparecimento.

Essa totalidade apreensível é feita de vários elementos distinguíveis e de instâncias diversas. No caso de um texto escrito, podemos pensar em expedientes como a paragrafação ou a forma de organizar tópicos, títulos e subtítulos, enumerações e nas relações entre esses expedientes; podemos pensar em cores (ou na falta delas), nos formatos de letra, tamanhos, efeitos gráficos, e nos suportes de circulação; podemos pensar também em modos de abrir e de encerrar um fluxo textual; há ainda o tom do texto, o momento em que é proferido, o tempo que

toma do leitor, os esforços de interpretação que exige e todas as suas reverberações e ressonâncias. E não há planos privilegiados, uma vez que o eventual privilégio de algum desses elementos é já um efeito de sentido que encontrará ratificações em outros planos, como a falta de relevo de certos outros elementos.

E, então, se podemos pensar em um discurso como um conjunto de restrições semânticas indissociáveis de um conjunto de práticas sociais e históricas, entendemos que é sempre multimodal, em alguma medida, a composição dos materiais textuais que circulam socialmente, e que por isso vibra neles uma força que caracteriza uma dada comunidade discursiva: nos textos, linearizações de discursos, pulsa uma vitalidade que lhes confere, nas suas formas de inscrição, uma identidade social.

É disso que tratam os artigos que compõem este número temático, que começaram a existir em discussões do Centro de Pesquisa Fórmulas e Estereótipos: teoria e análise (FEsTA), sediado no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da UNICAMP, do qual participam muitos dos autores aqui reunidos, pesquisadores em diferentes universidades.

Todos os artigos discutem a circulação dos discursos, que muitas vezes mobiliza fórmulas e estereótipos, sua manutenção e seus deslocamentos. A questão do regime aforizante frequentemente perpassa as análises, bem como a transformação dos discursos em diferentes mídias e a problematização do conceito de autoria. Os campos abarcados são diversos, incluindo o artístico, o religioso, o político, o educacional, o publicitário, o humorístico, o empresarial e o midiático.

Assim, examinando as diversas transações que se estabelecem entre os textos e o “mundo social”, podemos considerá-los como objetos culturais. O que lhes dá coesão, unidade, identidade é mais do que uma organização estritamente linguística; aliás, logo percebemos que a própria organização linguística não se basta, que sua autonomia é relativa, está submetida a muitas coerções que são de outra ordem – a do discurso.

As organizadoras agradecem à DELTA pela oportunidade de publicação deste número especial.

*Ana Raquel Motta  
Luciana Salazar Salgado  
M. Cecília P. Souza-e-Silva*